

**1. Do livro de estreia *Consulado do Vazio*  
*África mãe Zungueira***

Esta que se aproxima  
carrega uma criança às costas  
e outra no ventre  
uma nuvem húmida rasga-lhe a blusa  
lembrando que é hora de parar e amamentar  
e lá vai ela seguindo o itinerário que a barriga traçar  
gestora de um ovário condenado a não parar  
porque é património social  
penhora o útero na luta contra a taxa de mortalidade

Conhece bem demais a cidade  
não tanto pelos monumentos  
mas pela necessidade  
viandante como a borboleta  
fez-se fiel e histérica amante  
da lei da compra e venda de porta à porta  
uma lei entretanto não prevista por lei  
“depender só do marido? Nunca”  
mal acordou a urbe já peleja aliciando clientes  
no estômago só o funji do jantar de ontem  
sem tempo sequer para escovar os dentes

Lá vai mais uma dobrando a esquina  
de pregão firme como a voz do tambor  
humilhada aos poucos pelo sol  
nos mapas de salitre da poeira que adormeceu no suor

Forte por fora muitas vezes vulnerável no íntimo  
veja esta nos olhos encarnados grita despercebida  
uma mulher mal amada

nunca descoberta  
rainha de etapas queimadas  
ele que devia ser companheiro  
é de se esconder no copo  
quando os ventos são ásperos  
autêntico chá em taças de champanhe  
não estar disposta para mais um suor sagrado  
é para ele frontal apelo à violência  
habituada a levar da cara  
odeia a sinceridade do espelho

Por aqui passou mais uma profissional da zunga  
protagonista anónima com mil mestrados da vida  
contudo não contada na segurança social  
para o turista uma espécie de paisagem  
rosto de uma noite que lançou a mulher  
às avenidas dialécticas dos centros urbanos  
no seu dever de sustentar a sociedade  
a mesma que a condenará antes de amanhecer  
por não participar da vida política  
ou por não saber ler  
nem escrever

## 2. Da primeira experiência internacional através da III Antologia de Poetas Lusófonos, Folheto Edições e Design, Leiria - Portugal, 2010

### Na teoria do resultado

O reencontro  
mesmo com a prisão

molha  
na largura dos olhos  
o barro p'ro novo sol

Não tem pernas o tempo

seriam longas  
ou curtas  
demais  
...  
Gociante Patissa  
(pág. 137)

### Monte-Belo

Chuva  
na cor do vento

Verde  
nas intenções do tempo

Dança  
nos provérbios do luar

Ambivalências  
de um eterno menino daqui

### 3. Do poemário Guardanapo de Papel , no prelo

#### Sem vida no pé

*... e as sentenças correram seu caminho*

ao asfalto cedeu  
esse campo não é o seu  
sem vida no pé  
conserva olhos de lição  
milho, chuva e café

Todos os dias, todo o dia  
passos escassos  
quase nulos  
clemente  
vai com as formigas dançar  
pelos caminhos da obra  
eis o brotar de fecundas veredas  
que importa se sem vida no pé?

## Guardanapo de papel

Já cansado  
o velho bar  
fecha-se ao pó  
fértil  
da esquina  
qual navio atracado  
para nova largada.

Do mar de verão  
vem pujante a brisa  
traçando cordão  
na esquina  
monumental  
do cine.

Estátua e gente  
parece tudo de madeira  
pela porta entreaberta  
vê-se que algo voa  
bem rente  
mas ninguém vai dizer  
se é saia  
ou guardanapo de papel.

---

**GOCIANTE PATISSA** (ANGOLA). Tem licenciatura em Linguística, especialidade de Inglês, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Katyavala Bwila (ex-Agostinho Neto). É membro efectivo da União dos Escritores Angolanos. Publicou os seguintes livros: *Consulado do Vazio* (poesia), KAT - Consultoria e empreendimentos, Benguela, Angola, 2008, *A Última Ouvinte* (contos), União dos Escritores Angolanos, Luanda, Angola, 2010 e *Guardanapo de Papel* (inédito, poesia com edição em curso pela NósSomos, Lisboa, Portugal)